

“ESQUECIMENTO” E CONSAGRAÇÃO DE MARIO QUINTANA PARA UMA OUTRA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

*André Luis Mitidieri**

*Patrícia Vitória Mendes dos Santos Araújo***

RESUMO: O presente estudo, de natureza bibliográfica, apresenta um levantamento de diversas histórias da literatura brasileira ou materiais relacionados ao tema, bem como de obras para-historiográficas, que apresentem visadas biobibliográficas ao poeta, a fim de analisar a postura da historiografia-literária brasileira em relação à figura de Mario Quintana. Procurou-se situar a história editorial do poeta gaúcho e também verificar qual é o tratamento ele que recebe na história literária nacional, a partir da hipótese de que as suas composições poéticas não recebem o devido registro em histórias da literatura ou em materiais contíguos. Ao longo do estudo, a premissa hipotética foi confirmada e, no intuito de apresentar novos olhares ao cânone nacional, este estudo tem por função primeira propor uma revisitação às considerações acerca da obra do poeta sul-rio-grandense, principalmente, àquelas relacionadas ao parâmetro crítico modernista, visando contribuir também para que os quintanares sejam devidamente apreciados no espaço da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia literária; Mario Quintana; Revisão do cânone literário brasileiro.

A historiografia literária tradicional apreciou criticamente e selecionou autores e obras para comporem o cânone nacional, a partir de critérios muitas vezes questionáveis e, por conta dos quais, muitos escritores e suas obras literárias ficam à margem do conhe-

* Professor Titular de Literaturas Vernáculas no Curso de Letras e docente efetivo de Literatura e História no Programa de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

** Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

cimento não só dos estudiosos da literatura como do público leitor em geral. Para observarmos se e como isso ocorre com o poeta Mario Quintana (Alegrete (RS), 1906; Porto Alegre (RS), 1994), consultamos diversas histórias da literatura brasileira ou materiais relacionados, como antologias, bibliografias, dicionários e obras de referência. Adotamos o mesmo procedimento com demais obras para-historiográficas, que apresentem visadas biobibliográficas ao poeta, e com estudos monográficos nele centrados. O levantamento desse material sobre Quintana permite rever e expandir a história editorial do escritor que, entre as décadas de 1920 e 1930, participava de concursos literários e publicava seus quintanares¹ em *Para Todos: Magazine Semanal Ilustrado* do Rio de Janeiro, na revista *Ibirapuitan*, de Alegrete (RS), no jornal *Correio do Povo*, no *Almanaque do Globo*, na *Revista do Globo* e na *Revista Província de São Pedro*, de Porto Alegre, nos periódicos *Terra de Sol* e *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, dentre outros. Escritos trazidos a lume nesses espaços de divulgação seriam reeditados em seus livros *A rua dos cataventos* (1940), *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950) e *Espelho mágico* (1951). O poeta gaúcho tornava-se gradativamente um dos importantes nomes da literatura brasileira. Antes mesmo de seu reconhecimento nacional, aproximadamente na década de 1960, já gozava de certo prestígio em virtude da divulgação de seus poemas em jornais e revistas.

A partir dos anos de 1950, notamos aproximações e divergências entre os discursos da crítica literária e as histórias da literatura brasileira produzidas no país. Mudanças consideráveis nessas relações fazem com que destaquemos a historiografia literária nacional nos séculos XX e XXI, a pender entre dois modelos: o histórico-sociológico, presente na *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos, de Antonio Candido (1959), e o estético, divulgado a partir da obra crítico-historiográfica *A literatura no Brasil* que, organi-

¹ Utilizada como referência que caracteriza os poemas de Mario Quintana, a expressão “quintanares” provém da seguinte quadra da “Canção de barco e de olvido”, que integra o seu livro *Canções*: “[...] Que eu vou passando e passando,/Como em busca de outros ares.../Sempre de barco passando,/Cantando os meus quintanares [...] (QUINTANA, 1946, p. 173).

zada por Afrânio Coutinho (2004), teve seus seis volumes lançados entre os anos de 1968 e 1971.

Por isso, processamos os dados resultantes da investigação preliminar em textos histórico-literários ou similares cujas escritas ou primeiras edições se deram entre as décadas de 1940 e 1960. Estabelecemos essa delimitação porque Quintana começou a publicar seus poemas em livro nos anos de 1940 e em função de que o decênio de 1960 corresponde ao processo de consagração nacional do poeta. Examinamos o mesmo tipo de material, publicado entre os anos de 1970 e 1989, os quais se marcam pelas respectivas edições da *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, e do último volume, intitulado “Modernismo”, da *História da literatura brasileira* (1984-1989) de Massaud Moisés. Procuramos então situar a história editorial do escritor sul-rio-grandense e também verificar qual é o tratamento que recebe na história literária brasileira, a partir da consulta a seus arquivos e a seus discursos.

Necessário lembrar que, a partir da publicação de *Noções de história das literaturas* por Manuel Bandeira, em 1940, o Modernismo ocuparia o centro da história literária nacional. Em seguida, os livros de Alceu Amoroso Lima – *Introdução à literatura brasileira* (1956) e *Quadro sintético da literatura brasileira* (1959) – estabeleceram uma noção de Pré-Modernismo que contribuiu para afirmar a hegemonia do movimento modernista entre os estudos de historiografia literária. O estudo de Bandeira é examinado mais adiante a fim de cumprirmos os objetivos aqui propostos, uma vez que passaria por reedição em 1960. É o mesmo caso da *História da literatura brasileira*: seus fundamentos econômicos, de Nelson Werneck Sodré (1964), com primeira edição datada de 1938. Outro livro escrito na década de 1940, mas posteriormente reeditado e que, por isso, merece análise, o *Quadro sintético da literatura brasileira*, elaborado por Alceu Amoroso Lima (1959) em 1943, teria sua primeira edição no ano de 1956.

Em situação similar, *Brazilian Literature, an Outline*, publicado pela Macmillan Company no ano seguinte e reeditado pela Greenwood Press em 1969, ambas as editoras de Nova York, resulta de uma série de conferências proferidas por Erico Verissimo na

Universidade da Califórnia, a convite do Departamento de Estado norte-americano, entre os meses de janeiro e fevereiro de 1944. Único texto em língua estrangeira, e de caráter histórico-literário, realizado pelo ficcionista sul-rio-grandense, esse trabalho seria traduzido ao português por Maria da Glória Bordini com o título de *Breve história da literatura brasileira* (VERISSIMO, 1995) quando passado mais de meio século da sua primeira edição em inglês. Cabe ainda esclarecer que não analisamos estudos meta-históriográficos, destinados a buscar explicações ou interpretações para o processo da literatura brasileira. Outros livros de caráter histórico-literário, considerados referenciais, tampouco servem aos nossos propósitos porque seus elencos de autores e obras estendem-se no máximo até o século XIX ou à primeira metade do século seguinte.

Grande número das antologias da literatura nacional, bibliografias, histórias da literatura, obras de referência, assim como dos dicionários, livros didáticos e materiais relacionados, com datas de escrita coetâneas ou posteriores à década de 1950, parecem repassar ao público leitor uma “verdade” pré-estabelecida e inquestionada: de que nossa história literária se organiza a partir do movimento modernista de 1922, com a maior parte de sua produção concentrada nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, apresentam as tendências posteriores à geração de 1945 de modo sumário, por intermédio de um “quadro nada sintético e em geral inútil como descrição de conjunto” (FISCHER, 1999, p. 108).

Um grande número de histórias da literatura dessa época, estudadas e consultadas ao ritmo de uma exaustão que oculta outras miradas, coadunava-se ao propósito modernista, especialmente paulista, de “liquidar na cultura brasileira a presença do outro, do estrangeiro, do não-brasileiro – ainda que por via da antropologia –, e assim, *recomeçar* em direção a uma literatura genuinamente nacional. E nem só por razões de estrita natureza literária” (BAPTISTA, 2005, p. 44). Afinada com tal propósito, a *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de Antonio Candido (1959), apresentava-se como alicerce de

[...] uma tradição literária que o Modernismo pode negar e com que pode romper; estabelece, ademais, a possibilidade de um projeto de construção da literatura nacional assente no sistema literário consolidado: a ‘formação’ revê o passado no sentido do futuro – brasileiro. Mas não deixa de dissolver a emergência e a deriva histórica do Modernismo na postulação da unidade e continuidade do processo literário nacional, tornando-as exemplo da repetição dum estrutura permanente e que sustenta o ‘sistema’. (BAPTISTA, 2005, p. 66).

Características da historiografia literária brasileira, observadas por estudiosos como Luís Augusto Fischer (1999), Paulo Franchetti (2002), Abel Barros Baptista (2005) e Ildmar Boaventura Moreira (2009), dentre elas, a organização das histórias literárias, geralmente fixadas em torno do eixo modernista, suas perspectivas cronológicas e lineares, bem como a escassa síntese quando se trata de apresentar um elenco de autores e obras cujos locais de onde falam poucas vezes não se restringem ao Sudeste do país, podem ser verificadas na *História da literatura brasileira*: seus fundamentos econômicos, de Nelson Werneck Sodré (1964 [1938]). Na seção “Literatura nacional” desse livro, o estudioso discorre sobre a produção literária do país, desde o declínio dos elementos coloniais ao movimento modernista e à Revolução de 1930, para terminar com o tópico “Do regional para o universal”, sem fazer nenhuma referência a Mario Quintana.

Já em *Noções de história das literaturas*, seção “A poesia depois do Modernismo”, Mario Quintana é citado como “fino e original poeta brasileiro que ainda não tem a notoriedade que merece” (BANDEIRA, 1960 [1940], p. 514). Os críticos mais eminentes entre os anos de 1940 e 1950 eram Álvaro Lins, Antonio Candido e Mário de Andrade. Dentre eles, somente o primeiro “[...] se ocupou de Mario Quintana com simpatia num dos seus estudos (1941) publicado no *Jornal de Crítica*. Considerado continuador de Tristão de Ataíde por sua larga cultura humanística e ‘estrangeira’, Álvaro Lins, entretanto, revela uma acentuada preocupação histórica e política [...]” (RESTUM, 1994, p. 69).

Tristão de Ataíde é o pseudônimo de Alceu Amoroso Lima que, em 1943, escreveu *Quadro sintético da literatura brasileira* (primeira edição datada de 1956), em que cita, entre os poetas modernos brasileiros, desde Manuel Bandeira a Murilo Araújo, além de fa-

zer “menção especial” a autores como Domingos Carvalho da Silva, Bueno de Rivera, Geir Campos, Péricles Eugenio da Silva Ramos que, juntamente com

Mario Quintana, Manuel Cavalcanti, Afonso Félix de Sousa, cuja obra é considerada por alguns como um *‘turning point’* da poesia brasileira moderna (Osvaldino Marques), Antonio Olinto, Marcos Konder Reis, José Paulo Moreira da Fonseca, Darci Damasceno, Mauro Mota, Tiago de Melo, Maria da Saudade, Cortesão, Carlos Pena Filho, Jorge Medauar e tantos outros vêm aparecendo recentemente e mostram, precisamente, como de mais original, uma preocupação crescente e renovada com o elemento *verso*. Não cheguei a dizer que se trata de um neoparnasianismo, pois as formas exteriores mudaram muito e se tornaram sobretudo, muito mais complexas, como já observamos (LIMA, 1959, p. 125, grifo nosso).

Por sua vez, o seguinte fragmento do posfácio de Maria da Glória Bordini a sua tradução de *Brazilian Literature, an Outline* (VERISSIMO, 1945) traz consideráveis declarações sobre o elenco de poetas que o autor seleciona no capítulo 11, “Entre Deus e os oprimidos”, desta *Breve história da literatura brasileira* (VERISSIMO, 1995), concentrado na produção literária brasileira dos anos de 1930:

Faz uma avaliação positiva de todos os grandes poetas, enfatizando antes de tudo seu lirismo e confessando sua predileção por Cecília Meireles e **Mario Quintana**, de quem traduz textos, assim como o fizera com Bandeira, Drummond, Bopp e Mário de Andrade. A atenção dada aos líricos modernistas, que se manifesta não apenas sob a forma de juízos apreciativos, confirmados pela tradição crítica posterior a essa obra de Verissimo, mas pelas citações escolhidas a partir de um conhecimento bem fundado do funcionamento do texto poético, desvela um lado ignorado do romancista: seu desbarraço diante da poesia, fruto de uma intimidade que só uma experiência de leitura continuada e particularmente sensível à construção do verso poderia alcançar (BORDINI, 1995, p. 163, grifo nosso).

Além de o poeta sul-rio-grandense constar no quadro dos autores e obras representativos da literatura brasileira pós 1930 (VERISSIMO, 1995, p. 182), faz por merecer a predileção do confrade e amigo, conforme esse declara no capítulo 11 do referido estudo:

Devo confessar – para pôr fim a essa dissertação informal sobre poesia – que meus poetas favoritos são Cecília Meireles e Mario Quintana. Na minha opinião, o que os faz especialmente notáveis é seu agudo senso das palavras. Conseguem ser diferentes e não raro profundos usando vocábulos simples. Penso que seu segredo está no modo como combinam as palavras de forma a dar-lhes uma força nova, um novo sentido. Embora modernos, seus poemas possuem um sabor clássico e com frequência nos lembram baladas medievais. (VERISSIMO, 1995, p. 132).

Erico Verissimo (1995, p. 132) afirma: “Mario Quintana é um boêmio quieto e tímido que vive num mundo de sua própria lavra. Não se importa em publicar livros ou ter leitores. É metade ser humano e metade elfo. Da lua, onde vive, às vezes nos manda canções como esta”. Mais adiante, o escritor assim se pronuncia:

Tanto Cecília Meireles quanto Quintana gostam de cantar a respeito de meninos enfermos e pequenos reis. Seus poemas estão cheios de representantes da fauna e flora do mar – peixes, anêmonas, algas, coral, conchas – e da flora e fauna dos céus – a lua, estrelas, nuvens, anjos. Ambos os poetas amam as águas, os navios, noturnas paisagens de prata, e ambos parecem não ter uso algum para cores chamativas e palavras grandiloquentes. Seus poemas possuem uma limpidez essencial; e frios ventos purificadores sopram através deles, cheirando a longas distâncias e terras misteriosas (VERISSIMO, 1995, p. 134).

A constatação feita por Manuel Bandeira, de que Quintana não desfrutava do justo reconhecimento nesses anos de 1940, confirma-se na pecha de “alienado” que lhe tributou James Amado (1946) em artigo publicado na *Revista Província de São Pedro*, e teria validade na década posterior, a julgar pela *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* de Otto Maria Carpeaux (1968) que, editada pela primeira vez em 1951, pretendia servir de guia para a crítica literária nacional, embora não consistisse propriamente num livro de crítica literária nem pretendesse “ser mais uma história da literatura brasileira e sim apenas o registro bibliográfico dos julgamentos já pronunciados” (p. 12). Nessa obra, o poeta gaúcho não é digno de figurar entre os escritores brasileiros considerados significativos pelo autor. Uma possível justificativa para tal omissão pode ser encontrada no prefácio à

quarta edição do estudo em vista, datada do ano de 1967, e que consta como paratexto da publicação ora analisada: “A necessidade de preparar com certa urgência a quarta edição do presente livro não permitiu maiores ampliações. Foram apenas incluídos alguns poucos novos itens bibliográficos, indispensáveis, e no fim, a bibliografia de mais dois autores: João Cabral de Melo Neto e Carlos Heitor Cony” (CARPEAUX, 1968, p. 9).

Quintana também fica de fora da *História da literatura brasileira* (os séculos XVI-XX), em que Antônio Soares Amora (1960, primeira edição em 1954) procede a um apanhado histórico da literatura brasileira até o momento em que se começa ou se tenta elaborar uma literatura nacional. No último dos sete capítulos dessa obra, “Era nacional: época do Modernismo (1922-1945)”, apesar de estabelecer como recorte para seu trabalho a data anteriormente mencionada, o autor cita escritores dos mais diversos estados brasileiros que produziram no período por ele estabelecido e durante os anos 1950, inclusive do Rio Grande do Sul, mas não elenca o poeta sul-rio-grandense.

É o que igualmente ocorre em *Evolução do pensamento literário no Brasil*, no qual Dja-cir Menezes (1954) apresenta 20 capítulos sobre a literatura brasileira, desde suas origens até os tempos contemporâneos a sua escrita, e na *Introdução à literatura brasileira*, de Alceu Amoroso Lima (1956), dividida em duas partes, sendo que, na segunda, os dois primeiros capítulos apresentam o histórico do problema e as sugestões metodológicas, enquanto os quatro últimos se organizam conforme as divisões da literatura pelos critérios genético ou específico; cronológico; espacial; estético. Se há somente “[...] uma lei verdadeira da história literária – o imprevisto” (LIMA, 1956, p. 49), nem nas divisões segundo os critérios estético ou espacial, nesse caso, ao opor a literatura do Norte à literatura do Sul e a do campo à da cidade, nem em outro momento qualquer, o autor se reporta a Mario Quintana ou a seus escritos.

No entanto, Lima (1959) refere-se a Quintana em obra escrita no ano de 1943, porém editada uma década mais tarde. Talvez a mudança de atitude ocorresse devido ao momento em que o discurso da crítica intrínseca à literatura começava a ingressar no quadro nacional, preferindo textos mais correspondentes a seus padrões analíticos. Outra

vez, contudo, o silêncio é guardado em relação ao poeta: no *Esquema histórico de la literatura brasileña*, em que Haydée M. Jofré Barroso (1959) apresenta um quadro da história literária nacional. No capítulo intitulado “*El posmodernismo*”, considera o termo apropriado para denominar o então momento atual da literatura brasileira que, por resistir a todo método de classificação, justifica dispor em ordem cronológica romancistas e poetas julgados pós-modernistas, mas que tivessem características modernistas, ou vice-versa. Em obra publicada originalmente no mesmo ano de 1959, *Introdução à literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho (1976)² trata igualmente do Modernismo brasileiro:

a princípio, confundiu e desprezou os gêneros; valorizou a livre associação de ideias, os temas do cotidiano, do terra-a-terra, as expressões coloquiais e familiares, a vulgaridade, a desordem lógica. Era o pleno império da aventura e do intuitivismo, da poesia-experiência. [...] Dentro dessa ordem de princípios, estende-se toda uma galeria de grandes nomes da poesia brasileira: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Carlos Drummond de Andrade, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida, Cecília Meireles, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Murilo Araújo, Murilo Mendes, **Mario Quintana** [...] (COUTINHO, 1976, p. 293, grifo nosso).

O crítico aponta entre as tendências ou correntes da poesia modernista, até aquele momento, os resíduos da poesia anterior ao Modernismo, que o atravessaram e se refletiriam em certa tendência universalista e espiritualista. Assim, desde o Simbolismo e Pós-Simbolismo, através de Tasso da Silveira, Onesto de Pennafort, Murilo Araújo, Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt, o grupo de remanescentes atinge “Emílio Moura, Vinícius de Moraes (1ª fase), Henriqueta Lisboa, Alphonsus de Guimaraens Filho, **Mario**

² Os capítulos introdutórios aos quatro volumes de *A literatura no Brasil*, publicados por Afrânio Coutinho, com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho, no intervalo de 1955 a 1959, escritos todos eles pelo organizador da coleção, “foram reunidos por ele mesmo em um volume, *Introdução à Literatura no Brasil*, publicado pela primeira vez em 1959, mas que já conta com mais de quinze reedições e se encontra traduzido para o inglês e o espanhol” (COUTINHO, 2011, p. 13-14). As partes introdutórias aos dois volumes finais daquela obra, lançados em sua segunda edição, entre os anos de 1968 e 1971, seriam agregadas à reedição, aqui consultada, de *Introdução à literatura no Brasil* (COUTINHO, 1976).

Quintana, até a última fase de Jorge de Lima” (COUTINHO, 1976, p. 650, grifo nosso). Nessas considerações, notamos alguns dos lemas modernistas por excelência: a valorização da ruptura com o passado e a obsessão pela novidade.

Talvez devido a uma poesia aparentemente faltosa com esses traços, Quintana não ganhasse espaço na *Introdução ao estudo da literatura brasileira*, de Brito Broca e J. Galante de Sousa (1963) nem no terceiro volume de *Presença da literatura brasileira*, dedicado ao Modernismo, em que Antonio Candido e José Aderaldo Castello (1987, primeira edição em 1964) discorrem sobre a produção literária posterior a 1922. Os autores reproduzem poemas ou trechos de textos em prosa, da autoria de escritores que julgam importantes, começando por Manuel Bandeira e terminando com Guimarães Rosa. Na página anterior do mesmo prefácio, Candido e Castello (1987) listam o nome de Quintana, ao lado de outros poetas que julgam dignos de crédito, mas não de comentário:

Em todos estes caminhos (ladeados por outros, numa etapa riquíssima em que avultam Cecília Meireles, um Cassiano Ricardo renovado, Emílio Moura, Henriqueta Lisboa, Joaquim Cardozo, Dante Milano, **Mario Quintana**, Augusto Meyer), observa-se o incessante enriquecimento formal. Ao lado do verso livre, voltam formas regulares, estrofes de redondilhas, baladas, sonetos brancos e rimados, novos jogos com o decassílabo, mostrando que o Modernismo suspendera, mas não abolirá as formas tradicionais, possibilitando a sua volta quando for possível reinterpretá-las com ouvido e espírito novos (p. 24, grifo nosso).

A lacônica referência ao poeta gaúcho se justificaria pela concepção de literatura que os orienta, implícita na seguinte passagem: “Nos decênios de 1940 e 1950, ao lado de obras maduras e expressivas dos escritores dos dois decênios precedentes, surgem as da referida nova geração de romancistas, poetas e críticos, que estão longe na maturidade e representam a camada dominante da literatura” (CANDIDO; CASTELLO, 1987, p. 31). Convém lembrar o comentário de Abel Barros Baptista (2005) aos quatro artigos críticos que compõem o ensaio de João Cabral de Melo Neto, “A geração de 1945”. O crítico português afirma que os predecessores dessa geração, ou seja, um grupo formado por

pouco mais de meia dúzia dentre os poetas de 1922 e 1930, “estabeleceram a poesia brasileira e acima de tudo criaram a *possibilidade* de, a partir das próprias obras, produzirem, educarem, formarem novos poetas [...]. Por outras palavras, as obras dos predecessores formam um *cânone*, cânone poético, já não cânone poético da língua” (BAPTISTA, 2005, p. 50). A exclusão de Quintana desse cânone causa estranheza ao sabermos que a valorização do contingente estético sobre o conteúdo social começava a pronunciar-se

[...] a partir de 1945, na prática de uma Crítica Estética que vigoraria em substituição à Crítica Social que se exercia desde 1930. Entretanto, já Mário de Andrade, sob as contingências daquele momento histórico, ainda fortemente marcado por uma literatura social que então predominava no país, tentaria uma difícil, senão impossível conciliação entre os dois polos. Tentou mas não chegou a conviver com o que pregara em termos de renovação crítica, pois só pelos anos 50 a crítica alcançaria a sua definição estética (RESTUM, 1994, p. 69).

No entanto, Afrânio Coutinho (1969) nem cita Quintana no elenco de autores líricos que reúne no segundo volume da *Antologia brasileira de literatura* (primeira edição em 1966). Na mesma década, o *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira* de Celso Pedro Luft (1979) teve sua primeira edição publicada em 1967. No prefácio a essa obra, o compilador declara que tinha estabelecido, como critério de seleção, os traços estéticos ou estilísticos, ou seja, os méritos artísticos dos escritores que compõem seu trabalho, mas antes havia pensado em restringi-lo aos que já estivessem livres da condição mortal, “tão facilmente sujeita a suscetibilidades e melindres compreensíveis. Mas, sabendo que a escola modernista tímbrava em modernizar-se também na leitura e no estudo literário, imperdoável seria a omissão dos vivos consagrados nas letras, objetos já de estudos especializados” (s/p.). No decorrer do texto, o autor cita Quintana e obras literárias de sua autoria. Em seu julgamento, a poesia quintanesca marca-se “por um profundo humanismo, no conteúdo, e na forma por uma ‘difícil simplicidade’ [...] Uma releitura mesmo apressada das *Canções*, d’*O aprendiz de feiticeiro* e dos ‘*Novos poemas*’ deixa bem claro o equívoco de certa crítica em considerar menor este poeta maior, um dos maiores de língua portuguesa.” (p.

305). Sobre o assunto, interessa destacar um fragmento da página anterior, que afirma o lugar do poeta sul-rio-grandense dentro da lírica modernista brasileira:

[...] como astro de primeira grandeza, embora esse brilho tenha passado um tanto despercebido aos telescópios críticos indígenas. Deu-se com este poeta o que se dá com tantos outros: a chancela provinciana das edições é uma quase fatal condenação ao esquecimento e ao silêncio. Foi preciso **Mario Quintana** ser editado por importante casa do Rio de Janeiro para ganhar projeção nacional entre leitores e críticos (LUFT, 1967, p. 304, grifo nosso).

Parece mesmo que, ao estar afastado do eixo cultural do país, Quintana fosse relegado a uma obliteração apenas superada quando viesse a publicar em editora carioca, fato sintomático de uma pressuposta “minoridade localista”, entretanto, incapaz de ser posta, pela crítica brasileira, em relação dialética como o cosmopolitismo – como pressupunha Candido (1959) – já que as marcas cosmopolitas de sua poética também o condenariam ao silenciamento, por suposto vínculo acrítico com estéticas europeias do século XIX. Para o caso da obra quintanesca, portanto, não teriam sentido as lições que os críticos modernistas deveriam ter herdado da *Formação*, as quais, contudo, não se isentam do caráter teleológico notado por Baptista (2005): “O que chega pronto ‘de fora’ consiste, afinal, num conjunto de normas, formas e recursos de expressão, suscetíveis de adaptação a uma nova substância: a literatura brasileira formou-se adaptando, integrando, transformando, até atingir o *télos* inscrito no processo de maturação: o equilíbrio entre substância e forma na expressão do novo país” (p. 58).

Sinais de uma paulatina chancela à obra de Quintana já se fazem notar no *Pequeno dicionário de literatura brasileira*, em que José Paulo Paes e Massaud Moisés (1980, primeira edição em 1967) citam o poeta, não sem ressaltar que a ausência explícita de uma ruptura com o passado teria se convertido em obstáculo para a crítica brasileira, então majoritariamente modernista:

O enganoso ar ‘passadista’ de boa parte da obra de **Mario Quintana**, marginalizando-a no contexto da poesia brasileira posterior a 22, fez com que a crítica negligenciasse, as mais das vezes, o que há de refinadamente original no seu humor sutil e na sua diáfana melancolia (PAES; MOISÉS, 1980, p. 204, grifo nosso).

Uma história da literatura também afinada com o paradigma modernista, *A literatura no Brasil*, como se sabe, organizada por Afrânio Coutinho, seria ampliada em mais dois volumes entre os anos de 1968 e 1971. Revista e atualizada em 1986, com a colaboração do filho do organizador, Eduardo de Faria Coutinho, reúne artigos de críticos literários de renome. Em sua “Introdução geral”, Coutinho apresenta os fundamentos metodológicos que embasam a configuração da historiografia literária com o intuito de revisar a história literária brasileira, sendo que a

[...] primeira concepção de Literatura exposta diz respeito a uma historiografia literária, que demonstra o objetivo de observar a literatura, tendo em vista os fatores externos histórico-culturais, que a condicionaram e formaram-na. Por outro lado, a segunda concepção sobre a Literatura ressalta uma perspectiva e modelo historiográfico voltado e preocupado com o processo evolutivo interno do fenômeno literário-artístico, enquanto uma criação imaginária, estética e artística, que possui ‘um valor em si’ imanente, ‘um produto da imaginação criadora’, cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético (LEAL, 2009, p. 2).

Essa segunda visão norteia a organização do livro de Coutinho, considerado uma “história literária como história do desenvolvimento da arte, pois crítica e história literária, unidas como devem existir em face da obra literária, visam à obra nos seus elementos intrínsecos ou artísticos” (MOREIRA, 2009, p. 155). No quinto volume de *A literatura no Brasil*, denominado “Era modernista”, especificamente no capítulo “Modernismo na poesia” (COUTINHO, 2004 [1968]), Péricles Eugênio da Silva Ramos (p. 43-229), responsável por essa seção, considera a obra quintanesca e apresenta *A rua dos cataventos* (1940), no qual o autor “[...] por duas vezes se reporta a Antônio Nobre, cuja sombra o visita, é constituído de sonetos cheios de suavidade, sonho, melancolia, e também de algum desânimo, comiseração e *humour*” (RAMOS, 2004, p. 192). Embora a crítica não se mostre

desfavorável ao poeta, é bastante concisa e tampouco se desprende do combate modernista ao “macaqueamento” da cultura europeia, a partir do momento em que se pode entrever a razão de tal brevidade na filiação de Quintana a um poeta português.

Por sua vez, *Literatura brasileira em curso*, obra organizada por Dirce Cortes Riedel, Carlos Lemos, Ivo Barbieri e Therezinha Castro (1975, primeira edição em 1968), reúne textos de diversos escritores por afinidade temática. Ao final de cada capítulo, os autores apresentam sugestões de como trabalhar com o texto. Mario Quintana é por eles contemplado, primeiramente, no tema “Bichos”; em seguida, nas seções “Tempo”, “Exílio” e “Arte” (p. 368-369; p. 378; p. 424-425). O poeta gaúcho e livros de sua autoria figuram igualmente na página 557 do *Dicionário literário brasileiro* de Raimundo de Menezes (1978, com primeira edição, ilustrada e em cinco volumes, publicada no ano de 1969).

Dentre os 10 trabalhos de caráter histórico-literário que citam Quintana, publicados entre as décadas de 1950 e 1960, os de Manuel Bandeira (1960 [1940]), Alceu Amoroso Lima (1959 [1943]) e Erico Verissimo (1995 [1945]), editados ou reeditados *a posteriori*, conferiam-lhe valor já na década de 1940, praticamente em paralelo aos primeiros lançamentos dos seus quintanares em livro. As menções ao nome do poeta figurariam em sete pesquisas publicadas a partir do final dos anos de 1950. Um fator preponderante nesses estudos é o critério estético ou estilístico para seleção de autores, como ocorre nos elencos apresentados em histórias da literatura propriamente ditas, de Coutinho (1976 [1959]; 2004 [1968]), e antes, no livro anteriormente citado de Lima (1959 [1943]), bem como no dicionário de Luft (1979 [1967]).

As referências à obra quintanesca nos dicionários de Luft (1979 [1967]), Paes e Moisés (1980 [1967]) e Menezes (1978 [1969]) somam-se às trazidas pela antologia de Dirce Riedel et al. (1974 [1968]) que, ao propor organização temática, rompe com o padrão cronológico majoritário em livros similares, manuais didáticos e histórias da literatura. Ainda importar salientar o reconhecimento de Quintana, já nos anos de 1940, por seus colegas escritores: Bandeira (1960 [1940]) e Verissimo (1995 [1945]), referendado posteriormente por Carlos Drummond de Andrade que, em seu livro *Claro enigma* (1951), publi-

caria um poema intitulado “Quintana’s bar”. Conhecido, embora restritamente, por algumas publicações em jornais e em periódicos literários desde a década de 1920, por meio das quais, conheceu a poetisa Cecília Meireles, com quem estabeleceu uma relação de amizade e mútua admiração poética, ele atingiria maior público a partir de sua atuação como jornalista no *Correio do Povo*, o que passaria a acontecer em 1953.

Estranhamos, primeiramente, que *Presença da literatura brasileira*, organizada por Candido e Castello (1964), traga o nome de Quintana em seu prefácio, mas não discorra sobre ele nem acerca de sua obra no texto em si. Ademais, o desconhecimento do poeta gaúcho não poderia ser alegado porque, na década em que se dava o lançamento dessa história da literatura, era publicada uma importante antologia quintanesca: *Poesias* (QUINTANA, 1962). Nesse caso, a constatação de Olga Restum (1994) torna-se bastante esclarecedora:

Tudo nos leva a crer numa certa dificuldade que teria a crítica oficial de aceitar a obra de Quintana nos seus primeiros momentos. Ela, na verdade, não chega a se manifestar ostensivamente contra Mario Quintana – prefere ‘esquecê-lo’ [...] E mesmo depois de 50, quando o poeta vai crescer, em função de uma nova crítica com interesses mais estéticos, decorrente de análises e ensaios universitários com base nos pressupostos teóricos do New Criticism divulgado nos cursos de letras e no *Diário de Notícias* por Afrânio Coutinho, a crítica oficial se mantém ainda distante de Quintana (p. 69).

A década de 1960 demonstraria postura mais favorável a Quintana, verificada no aumento de críticas positivas a sua obra poética, como a de Fausto Cunha (1964, p. 158) que, no artigo “Assassinemos o poeta”, ironizava a pecha de “poeta quase passadista” imputada ao escritor gaúcho. Por sua vez, Augusto Meyer (1965) reconhecia “o ‘fenômeno Quintana’” em sua obra crítica *A forma secreta*: “Era nova a música e não cabia em nenhuma receita ou formulário do momento. O poeta balbuciava uma linguagem só dele, seguia o exemplo de Stefan George, tentando achar para cada coisa seu nome próprio” (p. 159). Um ano mais tarde, na “Carta a Mario Quintana”, publicada em número de 1966

da revista *Manchete*, Paulo Mendes Campos (1969) elogiava-o fervorosamente: “Alguns de teus poemas e muitos de teus versos não precisam estar impressos em tinta e papel: eu os carregue de cor e, às vezes, brotam espontaneamente de mim como se fossem meus. De certo modo, são meus, e há de convir comigo que a glória melhor do poeta é conceder essas parcerias anônimas pelo mundo” (p. 26). No mesmo ano em que era lançada sua *Antologia poética* (QUINTANA, 1966), o poeta recebia, na Academia Brasileira de Letras, as homenagens de Augusto Meyer e Manuel Bandeira, o qual recitou o poema de sua autoria, começado pelos seguintes versos: “Meu Quintana, os teus cantares/Não são, Quintana, cantares:/São, Quintana, quintanares [...]”.

Entre as décadas de 1940 e 1960, excetuando-se o desvio positivo verificado no último decênio, o mesmo processo de “esquecimento” de Quintana por grande fração dos críticos literários brasileiros fez-se acompanhar pelos historiadores da literatura nacional. Dentre os estudos mais omissos em relação à poética quintanesca, despontam obras merecedoras de catalogação como histórico-literárias, dentre as quais, as de caráter esquemático ou introdutório, junto às de teor bibliográfico e crítico, desde *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*, de Sodré (1964 [1938]). Isso não se verifica em textos mais despretensiosos, como dicionários e antologias, os quais parecem acompanhar melhor do que a crítica instituída os movimentos ascendentes da recepção ao poeta. Torna-se curioso que o nome de Quintana fosse preterido na *Antologia brasileira de literatura*, de Coutinho (1969 [1966]), mas viesse a figurar na obra histórico-literária *A literatura no Brasil*, do mesmo autor (COUTINHO, 2004 [1968]), em colaboração com outros estudiosos, como Péricles Eugenio da Silva Ramos, ensaísta que assina o capítulo dedicado ao poeta sul-rio-grandense.

No segundo momento desta pesquisa, estudamos histórias da literatura e materiais relacionados, publicados entre os anos de 1970 e 1989, começando pela *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (1997), cuja primeira edição foi publicada no ano de 1970. O destaque à obra quintanesca aparece nas páginas de números 518 e 519 do livro, pertencentes ao último capítulo, “Modernismo” em cujo subtítulo, “Outros poetas”, o

autor sublinha os 30 primeiros anos do século XX como marco de nossa contemporaneidade no contexto sociopolítico brasileiro. Entre os escritores dessa geração, Quintana é assinalado como “poeta que encontrou fórmulas felizes de humor, sem sair do clima neossymbolista que condicionara a sua formação” (p. 519). Bosi deixa um lapso de mais de duas décadas desde o primeiro poemário quintanesco até o último por ele citado, de 1976, embora sua *História concisa* venha passando por várias reedições.

Na década de 1970, são escritas outras histórias da literatura nacional, como a de Massaud Moisés, *A literatura brasileira através dos textos*, um panorama simbólico do que o autor considera como as mais importantes demonstrações literárias do Brasil, desde a época da formação até o Modernismo. A *Síntese crítica da literatura brasileira*, publicada por Leodegário Amarante de Azevedo Filho, enfoca desde os primórdios literários nacionais ao Modernismo, pontuando principais autores e suas produções literárias. Outro livro de mesmo teor, editado por Adolfo Casais Monteiro em 1972, *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*, discute nossa autonomia literária e o conceito de “literatura popular”. Publicada originalmente em 1973, *A nova literatura*, de Francisco de Assis Almeida Brasil (1975), evidencia a literatura brasileira modernista. Ainda nos anos de 1970, Oliveira Litrento (1978) realiza, em *Apresentação da literatura brasileira*, um estudo das origens da produção literária nacional até “Neo-Modernismo e ramificações contemporâneas”, título do seu último capítulo.

Na seqüência de publicações ora relacionadas (MOISÉS, 1971; AZEVEDO FILHO, 1971; MONTEIRO, 1972; BRASIL, 1975; LITRENTO, 1978), Mario Quintana nunca é mencionado. Em compensação, o mesmo Francisco de Assis Almeida Brasil, no ensaio *O modernismo*, publicado em 1976, e ao qual não tivemos acesso, situa o poeta ao lado Henriqueta Lisboa e Joaquim Cardoso. Comenta Olga Restum (1994, p. 73) que, entre os autores elencados, e na perspectiva desse estudioso piauiense,

Mario é o mais *deslocado*, é o poeta de maior sabor passadista, mas também o que mais ousou em termos de pesquisa de uma lingua-

gem poética simples, que fugia dos padrões estratificados. A observação propõe um paradoxo não trabalhado pelo ensaísta [...]. Assis Brasil esforça-se por uma abordagem que longe de ser estética direciona-se para os padrões da história da literatura – os estilos de época [...].

Nessa direção, Temístocles Linhares (1976) contempla Quintana em seus *Diálogos sobre a poesia brasileira*, junto aos poetas e movimentos literários que marcam a literatura contemporânea, dentre eles, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, João Cabral de Melo Neto, o Modernismo, a Geração de 45, Cecília Meireles, Murilo Mendes, o Concretismo e “os novíssimos”. Ao comentar que cada região brasileira possui seus líricos exemplares e fiéis, o autor diz que, no Rio Grande do Sul,

[...] avulta a presença de **Mario Quintana**, que vem atravessando incólume várias gerações e cuja poesia é exemplo do que afirmamos, mergulhada antes da vida em profundidade, em que o poeta não esconde a sua sede insaciável ‘de não sei o quê’ e se julga cansado da gravitação dos astros. Eis um traço bem subjetivo, que nada tem a ver com a descrição da terra, mas que nem por isso deixa também de ser gaúcho, definido claramente, por exemplo, neste *impromptu* final de desprendimento e de fantasia, em que o poeta se dirige à lua: ‘Lua falsa de papelão,/Manto bordado do céu!/Tombai, cobri com a santa inutilidade vossa/Esta carcaça miserável de sonho (LINHARES, 1976, p. 38, grifo nosso).

Wilson Martins (1978), em sua *História da inteligência brasileira*, define como “tardia e retardante” a estreia de Quintana com *A rua dos cataventos*,

[...] pois a sua linha de inspiração filiava-se no ‘realismo neossimbolista’ e na melancolia de Antonio Nobre, e também na ‘estética das reticências, de Álvaro Moreira. O público, entretanto, recebendo de boa graça esse retorno ao lirismo pré-modernista, parecia reencontrar-se ou reconhecer-se em sonetos como este: ‘Na minha rua há um menininho doente’ [...] (p. 146-147).

Notamos, nessa citação, alguns dos obstáculos anteriormente destacados como negativos pela crítica modernista entre os anos de 1940 e 1960, e que teriam operado como fatores de “esquecimento” do poeta: o alinhamento com uma estética europeia; a fili-

ação a um poeta português; a ausência de obras ou predecessores associados aos momentos-chave de 1922 e 1930 que pudessem “educá-lo” e “formá-lo”, de modo a ocupar espaço privilegiado no cânone poético da época; a ausência de ruptura com moldes antecedentes. O suposto “passadismo” da obra quintanesca é entrevisto inclusive em um estudo crítico que lhe é simpático – “Os cantares de Quintana”, de Hélio Pólvora (1972) – que não deixa de assinalar o seu tom nostálgico. Uma perspectiva de reversão daquelas filiações arbitrárias, tanto a um autor europeu quanto a determinada estética ou e poética, é assinalada no ensaio “A enunciação poética de Mario Quintana”, no qual Gilberto Mendonça Teles (1975) pontua que o escritor sul-rio-grandense foge de convenções literárias:

São as constantes preocupações com a metalinguagem: noções e conceitos de arte, de literatura, de poesia, de linguagem, de história literária, enfim, toda uma atitude de permanente vigília, de autocontemplação, como se o poeta vivesse espremido entre a tradição – que deve respeitar – e as formas e ideias novas, com que às vezes se identifica e que, na maioria das vezes, lhes parece destituída de função e de valor literário (p. 28).

Mesmo com exceções desse porte, a crítica literária brasileira dos anos de 1970, que aspira à objetividade e à lucidez, “[...] tampouco logrou em relação a Mario Quintana um estudo percuciente. Estruturas mais ou menos óbvias poderiam ter sido o pretexto, mas abandonou-se assim a oportunidade de ‘decifrar’ o texto que o grande público seguia privilegiando com sucessivas demandas de novas tiragens” (RESTUM, 1994, p. 76-77). Na década de 1980, avolumam-se estudos críticos, já começados no decênio anterior, que se revestem de caráter científico. Dentre outros, os padrões formais, estruturalistas ou vinculados à literatura comparada, bem como às teorias da recepção e do efeito vêm quebrar “[...] o monopólio daquela crítica historicista e sociológica que se praticava entre nós [...] a crítica firmou-se com base em pesquisas e análises da estrutura interna da obra, levando em conta o gênero, a temática, os elementos componentes, os artifícios poéticos, a imagística etc.” (RESTUM, 1994, p. 77).

Datam desses tempos os livros monográficos sobre Mario Quintana, da autoria de Regina Zilberman (1982), do Instituto Estadual do Livro (1984) e de Néa Castro (1985). Também as obras críticas de Gilda Neves da Silva Bittencourt (1983), Alice Terezinha Moreira, Elvo Clemente e Heda M. Caminha (1983), Nilce Maria Ferrugem Torrescasana (1986) e Tania Franco Carvalhal (1986). Ao mesmo tempo, o lírico sul-rio-grandense é referido na segunda parte do trabalho de cunho histórico literário denominado *Panorama da literatura no Brasil*, de Amauri Sanches (1982). Nesse recorte panorâmico, são comentadas obras literárias quintanescas, enquanto seu autor é classificado como “esteta da emoção [...] o doce melancólico poeta gaúcho, que sabe trabalhar tanto a forma clássica quanto a nova expressão do Modernismo” (SANCHES, 1982, p. 85).

Já no primeiro volume da *História da literatura brasileira* (1984-1989), intitulado “Das origens ao Romantismo”, Massaud Moisés (1984) considera que a escrita de uma história literária se defronta com o problema do método escolhido, a variar segundo diferentes predileções estéticas e ideológicas. Em seu caso, privilegia o texto com vistas à elaboração de uma análise histórico-crítica e enfoques que podem mudar conforme a própria obra e o tempo, mas não segundo os preconceitos do historiador (Cf. MOISÉS, 1984, p. 9). O trabalho em questão, contudo, orienta-se por um núcleo concentrado no eixo Rio-São Paulo, a partir de cuja irradiação “rumo ao Sul, os demais centros serão analisados, sempre tendo em vista delinear a imagem do Brasil como um todo. O escritor regional dispensará análise circunstanciada enquanto não alcançar repercussão nos grandes centros, embora possa merecer com justiça lugar relevante na literatura do seu Estado” (MOISÉS, 1984, p. 17). Guiado por essa perspectiva, no volume denominado “Modernismo”, Moisés (1989, p. 533) destaca Quintana e seu livro *A rua dos cataventos*, além de citar alguns de seus poemas. O poeta é considerado herdeiro do Simbolismo, em sua “face sentimental”:

[...] o amor ao cotidiano, traços de surrealismo, completam o retrato desse romântico tardio, ou moderno que não virou as costas à tradição nem se fez de surdo às vozes interiores, desse poeta ul-

trassensível que se tornaria uma das expressões mais límpidas da poesia lírica brasileira na segunda metade deste século (MOISÉS, 1989, p. 534).

Mario Quintana é elencado no *Panorama da literatura* de Flávio Aguiar (1988) junto a outros poetas modernistas que, “além de instaurarem a ideia de arte como contínua experimentação entre nós, descobriram um ‘novo’ Brasil, valorizando a linguagem cotidiana, os costumes populares, o folclore” (p. 60). Com seu estudo, completamos a consulta a 11 trabalhos de história da literatura brasileira publicados entre os anos de 1970 e 1990, sendo que Bosi (1997 [1970]), Linhares (1976), Martins (1978), Sanches (1982), Aguiar (1988) e Moisés (1989) pelo menos citam o lírico sul-rio-grandense entre os escritores nacionais do século XX enquanto outros tecem maiores comentários a seu respeito e a sua produção poética. Apesar de não ser incluído em alguns compêndios cujas primeiras edições ocorrem no mesmo período – Moisés (1971), Azevedo Filho (1971), Monteiro (1972), Brasil (1975) e Litrento (1976) –, o reconhecimento nacional conquistado por Quintana faz-se notar nos seis livros de história da literatura brasileira ou de semelhante caráter que o mencionam. Em todas essas pesquisas, nem todos os estudiosos pontuam o conjunto da obra quintanesca, a qual geralmente aparece de forma dispersa.

A hipótese que fundamentou nosso estudo foi a de que as composições poéticas de Mario Quintana não recebem devido registro em histórias da literatura brasileira. Começamos a confirmar nossas desconfiças ao constatararmos que, entre as dezoito obras de cunho histórico-literário, ou materiais contíguos, primeiramente consultados, tendo como ponto de partida a década de 1950, com extensão à de 1960, oito delas não elencam Mario Quintana, sendo que a flagrante maioria orienta-se por critérios histórico-sociológicos. Por outro lado, como vimos, os que citam o poeta ou comentam sua obra norteiam-se por padrões estéticos. O sensível incremento das menções ao nome de Quintana em estudos publicados a partir do final dos anos de 1950 é paralelo a sua consagração na literatura brasileira, tratada por vários estudos biobibliográficos ou monográficos aqui consultados.

A legitimação do poeta, iniciada nessa década de 1950, mas corroborada na posterior, confirma-se quando, dentre os onze trabalhos analisados, publicados entre os anos de 1970 e 1980, apenas os cinco menos significativos deixam de contemplá-lo. Dentre os conhecidos mecanismos de afirmação do cânone, notamos que o escritor gaúcho contou, desde o começo de sua carreira literária, com o reconhecimento dos pares, por exemplo, dos intelectuais que reafirmavam laços de vida literária em torno da Livraria e Editora Globo de Porto Alegre, como Augusto Meyer e Erico Verissimo, e dos atingidos por suas publicações em periódicos, como Cecília Meireles e Manuel Bandeira; posteriormente, em livros, como Carlos Drummond de Andrade, Fausto Cunha e Paulo Mendes Campos. Meyer e Verissimo, apreciadores de primeira hora dos “quintanares”, auxiliam a divulgá-los dentro e fora do Rio Grande do Sul. Para além de um protecionismo bairrista, que não deixa de assinalar as histórias da literatura produzidas no centro do país, importa chamar a atenção para as fortes engrenagens de produção, circulação e recepção da literatura sul-rio-grandense no interior do próprio estado, o que se apresenta como um sistema literário contra-hegemônico, capaz de driblar o “esquecimento” de um dos seus mais pronunciados representantes e, assim, contribuir para com a sua consagração literária.

Contudo, além de viver afastado da hegemonia socioeconômica e cultural do país, Quintana custou a desfrutar de ressonância suficiente para angariar a simpatia da crítica universitária, cuja significativa fração guiava-se, e ainda se guia, por histórias da literatura de caráter histórico-sociológico, das quais ele era excluído ou constava de forma muito oblíqua. O panorama começa a se alterar a partir dos anos 1970, desde os estudos de Hélio Pólvora (1972) e Gilberto Mendonça Teles (1975) até aqueles que se incrementam em número na década de 1980. Nesse caso, a crítica brasileira parece apontar um caminho do qual a historiografia literária se desvia consideravelmente, pois presa a emblemas desgastados pelos críticos e historiadores literários dos decênios antecedentes para definir o “anjo-poeta”, a título de exemplo, como neossymbolista, passadista e localista, apesar de cosmopolita. Para tanto, talvez pese além da conta todo o barulho feito a partir do julgamento destes versos do “Soneto V” d’*A rua dos cataventos*: “Eu nada entendo da questão

social/Eu faço parte dela, simplesmente.../E sei apenas do meu próprio mal,/Que não é bem o mal de toda a gente [...]”.

MARIO QUINTANA'S OBLIVION AND CELEBRITY TO ANOTHER HISTORY OF BRAZILIAN LITERATURE

ABSTRACT: The present bibliographical study presents research results of several stories of Brazilian literature or materials related to the topic, as well as para-historiographical works, which offer views to the poet, in order to analyze the approach of Brazilian literary historiography in relation to Mario Quintana's work. It then sought to place the publishing history of the Brazilian poet and also to verify what is the treatment given to him in the national literary history, from the hypothesis that his poetic compositions do not receive proper registration in literature stories or contiguous materials. Throughout the study, the hypothetical assumption was confirmed and, in order to present new perspectives to the national canon, this study has mainly proposes the revisiting of the considerations about the Southern Brazilian poet's work, especially those related to the modernist critical parameter, aiming also at contributing to the proper appreciation of Quintana's particular style by the Brazilian literary field.

KEYWORDS: Literary Historiography. Mario Quintana. Revision of the Brazilian literary canon.

Referências

AGUIAR, Flavio. *Panorama da literatura*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Literatura comentada).

AMADO, James. “Irmão, eu falo da morte”. *Revista Província de São Pedro*, Porto Alegre, RS, 1946, v. 5.

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira: (séculos XVI-XX)*. 3. ed São Paulo: Saraiva, 1960 [1954].

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Síntese crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Geruasa, 1971.

BANDEIRA, Manuel. *Noções de história das literaturas*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1960 [1940]. (Biblioteca Fundo Universal de Cultura - Estantes de Literatura).

BAPTISTA, Abel Barros. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

BARROSO, Haydée M. Jofré. *Esquema histórico de la literatura brasileña*. Buenos Aires: Nova, 1959.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Caminhos de Mario Quintana: a formação do poeta*. 1983. 216 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983.

- BORDINI, Maria da Glória. Um contador da história da literatura brasileira. In: VERISSIMO, 1995, p. 155-167.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. 17. tiragem. São Paulo: Cultrix, 1997 [1970].
- BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *A nova literatura*. Rio de Janeiro; Brasília: Americana; Instituto Nacional do Livro, 1973. (História Crítica da Literatura).
- BROCA, Brito; SOUSA, J. Galante de. *Introdução ao estudo da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1963.
- CAMPOS, Paulo Mendes. “Carta a Mario Quintana”. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *O anjo bêbado*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969. p. 24-26.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2. ed São Paulo: Martins, 1959. 2. v.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1964. 3v. v. III (Modernismo).
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. [?] ed. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968 [1951].
- CARVALHAL, Tania Franco. *Quintana: 80 anos de poesia*. Porto Alegre: globo, 1986.
- CASTRO, Néa. *Mario Quintana. Lírico e irônico. Cuidado: sua poesia do cotidiano nos empurra no abismo da eternidade*. Porto Alegre: Tchêl, 1985.
- COUTINHO, Afrânio (Org). *Antologia brasileira de literatura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1969 [1966]. 3v. v. II (Lirismo).
- COUTINHO, Afrânio (Org). *A literatura no Brasil*. 7. ed. Segunda edição da obra completa publicada entre 1968-1971, com assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho; rev. amp. 1986, sob a codireção de Eduardo de Faria Coutinho São Paulo: Global, 2004. 6 v. v. 5 [1968].
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976 [1959].
- CUNHA, Fausto. “Assassinemos o poeta”. In: CUNHA, Fausto. *A luta literária*. Rio de Janeiro: Lidador, 1964. p. 155-160.
- FISCHER, Luís Augusto. “Para uma descrição da prosa brasileira no século XX”. In: VESCIO, Luís Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Org). *História e literatura: perspectivas e convergências*. Bauru: EdUSC, 1999. p. 97-142.
- FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. *Semear*. Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses, Rio de Janeiro, n. 7, p. 247-264, 2002.

Disponível em: <http://www.letas.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/7Sem_18.html>. Acesso em: 15 maio 2013.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. Mario Quintana: poeta, caminhante e sonhador. Porto Alegre: IEL, 1984. (Autores Gaúchos). (Coleção Autores Gaúchos).

LEAL, Flávio. “Afrânio Coutinho: à luz de uma teoria estética da história da literatura”. *Espéculo, Revista de Estudos Literários*, Madrid, n. 41, mar-jun. 2009. Disponível em: <<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero41/coutinho.html>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

LIMA, Alceu Amoroso. *Quadro sintético da literatura brasileira*. 2. ed Rio de Janeiro: Agir, 1959 [1956].

LINHARES, Temístocles. *Diálogos sobre a poesia brasileira*. Brasília: INL, 1976.

LITRENTO, Oliveiros. *Apresentação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. s/ ed. Porto Alegre: Globo, 1979 [1967].

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix; EdUSP, 1978. 7 v. v. 7.

MENEZES, Djacir. *Evolução do pensamento literário no Brasil*. Rio de Janeiro: Simões, 1954.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978 [1969].

MEYER, Augusto. O “fenômeno Quintana”. In: MEYER, Augusto. *A forma secreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1965. p. 157-160.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1971.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. 5 v. v. 1 (Das origens ao Romantismo). Consultar as primeiras edições.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989. 5 v. v. 5 (Modernismo).

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

MOREIRA, Alice Terezinha; CLEMENTE, Elvo; CAMINHA, Heda M. *A ironia em Mario Quintana: teoria e prática*. Porto Alegre: Acadêmica; Letras de Hoje, 1983.

MOREIRA, Idmar Boaventura. “A história da literatura na berlinda: o caso Jorge Amado”. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 40, p.153-174, jan./jun. 2009.

- PAES, José Paulo; MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1980. (Primeira edição em 1967).
- PÓLVORA, Hélio. “Os cantares de Quintana”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1972.
- QUINTANA, Mario. *Canções*. Porto Alegre: Globo, 1946.
- QUINTANA, Mario. *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1962.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. “Modernismo na poesia”. In: COUTINHO, 2004, v. v. 5, p. 43-229. (Primeira edição desse volume publicada em 1968-1971).
- RESTUM, Olga. *Mario Quintana: recepções críticas e leitura avulsa*. 1994. 176 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1994.
- RIEDEL, Dirce; LEMOS, Carlos; BARBIERI, Ivo; CASTRO, Therezinha. *Literatura brasileira em curso*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1974 [1968].
- SANCHES, Amauri Mario Tonucci. *Panorama da literatura no Brasil*. São Paulo: Abril, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964 [1938].
- TELES, Gilberto Mendonça. A enunciação poética de Mario Quintana. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 5-29, jun. 1975.
- TORRESCASANA, Nilce Maria Ferrugem. *Mario Quintana: o lirismo na poesia*. Porto Alegre: EDIFUNBA, 1986.
- VERISSIMO, Erico. *Brazilian Literature, an Outline*. New York: Macmillan, 1945.
- VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. Tradução de Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.
- ZILBERMAN, Regina. *Mario Quintana*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Literatura Comentada).

Recebido em 29/04/2016.
Aprovado em 07/05/2016.